

**ALICE FARKAS<sup>1</sup>**  
**(Budapeste, Hungria, 1932)**



Alice Farkas. Santos, 1957.  
Ficha consular de qualificação.  
Acervo: Farkas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida por Alice Farkas a Sarita Mucinic Saruê, da equipe de História Oral Arqshoah. São Paulo, 26.3.2015. Câmera: Laís Rigatto Cardilo. Transcrição: Samara Konno. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno. Pesquisas: Blima Lorber e Maria Luiza Tucci Carneiro. Transcrição: Maria Luiza Tucci Carneiro.

## Minhas raízes húngaras e judaicas

Meu nome é Alice (Reiner) Farkas. Nasci em 28 de maio de 1932, na cidade de Budapeste<sup>2</sup>, capital da Hungria. O nome de solteira de minha mãe era Frida Furst e e tinha oito irmãos. Ela nasceu em Szomathely (Hungria), casou-se com 28 anos de idade e, segundo a tradição húngara, assumiu o nome do marido, passando a assinar Jenone Reiner. Seus pais, meus avós maternos, eram Joseph e Teresa Furst. Meu pai, por ocasião do casamento, tinha 34 anos.

Meu pai chamava-se Jene Reiner, sendo filho de Ernest David com mais dois irmãos, Carlos e David. Não me recordo do nome da sua esposa, minha avó materna. Meu pai, por ocasião do casamento com Frida, tinha 34 anos.



Budapeste, cidade natal de Alice Farkas.

Google Maps

Minha mãe nasceu, viveu e cresceu no interior, numa família muito, muito religiosa. Durante muito tempo ela tinha a cozinha *kasher*, mas depois a situação não permitiu... Hoje, eu mesma não faço nada, por dois motivos: Não tenho para quem cozinhar e não tenho dinheiro suficiente, pois para fazer o *Pessach* haja dinheiro!

---

<sup>2</sup> Budapeste, capital da Hungria, está às margens do Rio Danúbio. Nessa região chamada de “Grande Budapeste”, concentravam-se mais de 50% da população judaica do país, que para lá se transferira no período entre as duas guerras mundiais. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a cidade era o centro da vida cultural judaica no país, contando com cerca de 200 mil habitantes judeus. Entre o fim da década de 1930 e o início dos anos 1940, Budapeste era um lugar seguro para refugiados judeus vindos de outras regiões da Hungria, permanecendo assim até a invasão alemã ao país, em 1944. A partir de então, a população judaica foi realocada em prédios marcados com a Estrela de Davi, sendo depois levados a campos de trabalho e extermínio. Disponível em: <<https://www.usmmm.org/wlc/en/article.php?ModuleId=10005264>>. Acesso em: 28 jul 2017

Primeiro eu não tenho louça para trocar e também já não tenho forças para fazer um jantar de *Pessach* como se deve. Mas sei fazer tudo seguindo as tradições judaicas.



Alice Farkas com os pais, Jene Reiner e Frida Furst.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Alice Farkas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

O meu pai era judeu, mas do jeito dele. Dava todo apoio e tinha muito respeito pela dedicação da minha mãe, caso ela resolvesse preparar o jantar de *Pessach* como deveria ser. Se a minha mãe resolvesse comemorar o *Pessach*, tudo deveria ser comprado. Meu pai logo dizia: “Vamos fazer sim! Vamos comprar! Tem que pagar o pano de seda? Vamos pagar seda!”. Mas ele não era um judeu praticante, como eram os seus pais, meus avôs paternos. Esses sim foram judeus... Judeus! Agora, pelo lado da minha mãe, a família era toda religiosa. Eu tive uma vida classe média, estudando em uma escola judaica e tratada como filha única. Minha mãe trabalhava como dona de casa e meu pai em um clube, sendo proprietário de uma lanchonete até 1938. Após essa data, tudo começou a mudar para os judeus húngaros. Nessa data, foi aprovada uma lei que proibia parte da comunidade judaica de exercer certas profissões e ocupar cargos públicos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Desde 1920, a “Questão Judaica” esteve na pauta do governo da Hungria quando foi aprovada uma lei que limitava a apenas 6% o número de estudantes de origem judaica nas universidades. Essa legislação somente foi suspensa oito anos depois. A partir de 1935, ameaças de intervenção militar, assim como as pressões econômicas e políticas da Alemanha nazista sobre a Hungria, influenciaram na proliferação do antissemitismo e na adoção de leis restritivas aos judeus. Em 1938, foi aprovada a lei que restringia a menos de 20% a participação judaica nas profissões liberais, em cargos administrativos e no comércio. Cerca de cinco mil judeus converteram-se ao cristianismo como uma forma de salvação. No ano seguinte,



Os avós maternos de Alice Farkas, Teresa e Joseph Furst.  
Szomthej, Hungria, década de 1940.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Alice Farkas/SP; Arqshoah-Leer/USP.



Tio paterno de Alice Farkas, Geza Furst, com a esposa Hajnalka, no seu casamento civil. Budapeste,  
Hungria, década de 1930.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Alice Farkas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

uma lei limitou a 5% a presença judaica na economia. Consequência: cerca de 250 mil judeus perderam sua fonte de renda, entrando em crescente pobreza. Em 1941, promulgaram-se novas leis contra os judeus, nos moldes das Leis de Nuremberg: proibiram-se os casamentos mistos e alterou-se a definição de “judeu”, agora avaliado sob o ponto de vista racial. Cerca de cem mil judeus convertidos ao cristianismo voltaram a ser identificados como “judeus”. Em 1941, ocorreu o primeiro massacre: 20 mil judeus que não tinham como comprovar a cidadania húngara e que, em sua maioria, viviam na Rutênia foram levados para Kamenets-Podolski, na Ucrânia, sendo 16 mil assassinados pelas tropas das SS.

## Os judeus sob a ocupação nazista

### *Tempos de discriminação e exclusão*

Com a ocupação nazista, tudo mudou para os judeus húngaros. Os alemães começaram a levar os homens para os serviços pesados. No começo eles iam de manhã e voltavam à tarde para casa, quase ao anoitecer.<sup>4</sup> Depois, apenas deixavam voltar no final de semana, ficando a semana inteira no alojamento.<sup>5</sup>

Todos os judeus foram obrigados a usar a estrela amarela. A minha mãe começou a trabalhar porque precisávamos sobreviver. A gente tinha que pagar aluguel. Eu tinha mais ou menos 8 anos de idade quando tudo isso começou.<sup>6</sup>

Nessa época, os judeus foram obrigados a viver fechados em suas casas ou apartamentos onde moravam, sendo essas moradias marcadas com uma estrela. Eram chamadas “Casas da Estrela de David”, onde ficavam somente os judeus. Ali tínhamos um horário para sair – não lembro direito o horário que era liberado para sair – uma ou

---

<sup>4</sup> Em 1940, o governo húngaro implantou trabalhos forçados para todos os judeus do sexo masculino, que, organizados em batalhões, eram destacados para projetos de construção. As condições desumanas a que foram submetidos provocaram a morte de, no mínimo, 27 mil deles. Em 1940, a Hungria formalizou sua união aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), participando ao lado das tropas alemãs da invasão da Iugoslávia, em abril de 1941, e da então União Soviética, em junho do mesmo ano. Como recompensa, o governo de Horthy recebeu parte da Eslováquia, da Transilvânia, da Iugoslávia e da região chamada Rutênia-sob-os-Cárpatos. Com essas alterações de fronteiras, o número de judeus sob jugo húngaro elevou-se para 800 mil.

<sup>5</sup> No dia 28 de agosto de 1941, mais de 23 mil judeus de origem húngara foram assassinados pela *Gestapo* em consequência da invasão alemã que já havia avançado com ataques aéreos em Moscou e ocupado parte do território ucraniano. A maioria dos ucranianos via os alemães como libertadores de seus opressores soviéticos e um aliado na luta pela independência. Mas, em julho de 1941, os alemães começaram a enviar os ucranianos que lutavam por autonomia para os campos de concentração. Dezenas de milhares de judeus de origem húngara expulsos da Hungria tentaram refúgio na Ucrânia. As autoridades alemãs tentaram enviá-los de volta, mas o governo húngaro não autorizou. Foi então que o general Franz Jaekeln, da SS, decidiu acabar com o êxodo de refugiados: obrigou mais de 23 mil judeus a cavar buracos em Kamenets-Podolski, ordenou-lhes que se despissem e os fuzilou com tiros de metralhadora. Aqueles que não morreram baleados foram enterrados vivos com o peso dos corpos que se acumulavam sobre eles. Ao todo, mais de 600 mil judeus foram assassinados na Ucrânia até o final da guerra.

<sup>6</sup> Desde os tempos da Grande Depressão, a Hungria manteve estreitas relações comerciais com a Itália e Alemanha. No final da década de 1930, a Hungria passou a se beneficiar de sua relação com os países do Eixo e, com a ajuda da Alemanha, conseguiu negociar assentamentos em disputas territoriais com a Tchecoslováquia, Eslovaca e Romênia. Em 1941, pressionada pela Alemanha, a Hungria se uniu oficialmente ao Eixo. Na guerra, a Hungria lutou ao lado dos nazistas na invasão da Iugoslávia e na Operação Barbarossa. Em plena batalha com os soviéticos, o governo húngaro começou a negociar um armistício com a Inglaterra para se resguardar em relação à derrota iminente. Hitler descobriu essa traição e, em março de 1944, ordenou a ocupação do território húngaro. Quando as forças soviéticas começaram a ameaçar a Hungria, um armistício entre os dois países foi assinado pelo regente Horthy, mas o acordo foi desfeito. O regente foi posteriormente deposto e substituído pelo líder fascista Ferenc Szálasi, identificado com os interesses alemães. Em 1945, soviéticos e romenos invadiram completamente a Hungria e derrotaram os soldados alemães e húngaros que lá estavam. Após a rendição, as conquistas territoriais foram revogadas e o país voltou a ter suas fronteiras de acordo com o que fora estabelecido em 1938.

duas horas por dia. A situação ficou desesperadora...! Do outro lado da rua onde ficava o nosso prédio, havia uma padaria. Nós tivemos sorte, pois havia um “zelador”... um ser humano que, de madrugada, abria o portão para a gente passar para o outro lado e chegar até a padaria para comprar pão. O pão também estava racionado. E eu ia lá de tempos em tempos, um dia sim outro não, pois não dava para irmos todos os dias... As pessoas revezam para todo mundo ter jeito de comprar um pouco de pão.

Lembro-me de que uma vez, era madrugada, chegou um caminhão com uns nazistas dentro segurando metralhadoras. Eu não sei dizer o tamanho, nem sei a marca, mas sei que o “bicho” era grande. Aquele caminhão começou a parar, e eles vieram para o nosso lado gritando. A “zeladoria” abriu a portão do prédio e, batendo uma palma da mão na outra (como expressão de fuga), nos deixou escapar. Consegui escapar! Depois disso, minha mãe nunca mais me deixou descer para comprar pão.

O gueto começou a ser formado em 1944, depois da ocupação do país pelos alemães.<sup>7</sup> Ficava no bairro judeu de Budapeste. Depois de uns 15-20 dias, uns nazistas entraram no nosso prédio e nos mandaram descer, esvaziando o prédio! Levaram todos para uma praça... todo mundo! No meio da praça – e lá no alto havia uma sirene –, eles começaram a selecionar: “Esse vai para gueto, esse vai para o trem!”<sup>8</sup>

Olhavam na cara de cada um, um por um e, naturalmente, pretendiam separar-me da minha mãe. Porque aonde mulher ia criança não ia. Naturalmente uma criança da minha idade agarra, imediatamente, na saia da mamãe. Minha mãe também aparentava ser mais velha... Costumava colocar um lenço na cabeça. Lenço... sabe? Usávamos aquelas malhas de inverno, pois era mês de dezembro, temperatura abaixo de zero! Nesse momento falaram para a minha mãe:

— Solta esta criança!

— Não! Aonde eu vou, ela vai. Se eu tenho que morrer, ela vai morrer comigo!

– respondeu a minha mãe.

— Dá para aquele senhor! – ordenaram.

---

<sup>7</sup> Em maio de 1944, dois meses após a Alemanha invadir a Hungria, foi realizado o censo de Budapeste com o objetivo de aniquilar 200 mil judeus que viviam na capital húngara e que seriam deportados até as câmaras de gás de Auschwitz. O propósito do levantamento era identificar residências que seriam empregadas para abrigar os judeus antes de enviá-los a um gueto criado em um dos bairros da cidade.

<sup>8</sup> Após a ocupação da Hungria pelos nazistas, começaram as deportações de judeus para campos de concentração na Polônia, supervisionadas pelo coronel da SS Adolf Eichmann. Em maio e junho de 1944, a polícia húngara deportou cerca de 440 mil judeus em mais de 145 trens, a maioria para Auschwitz. No total, mais de 533 mil judeus da Hungria foram mortos durante o Holocausto, bem como dezenas de milhares de ciganos. As deportações de judeus recomeçaram, especialmente em Budapeste, com a cooperação dos nazistas.



— Não dou!

Bem, no meio dessa confusão toda, vai ou não vai entregar a criança, tocou o sinal da sirene. Ataque aéreo! Essa foi a nossa salvação... Eles [os nazistas] gritaram e mandaram todo mundo correr para gueto... Fomos para o gueto e lá nos salvamos. E se aquela sirene não tivesse tocado?

### *A prisão de meu pai*

Há meses que não tínhamos mais notícias do meu pai. Muito tempo antes desse ocorrido da sirene, ele veio até a nossa casa para buscar uma blusa de frio, cachecol e suas luvas. Já era inverno... Disse que somente poderia ficar ali por meia hora. Lá embaixo, os nazistas o aguardavam, pois assim estavam fazendo com todos os judeus: acompanhavam-nos de casa em casa para pegar uma roupa, pois não tinham mais condição de sustentar os presos. Não sei dizer quando isso ocorreu, pois nessa época eu era muito criança para lembrar todas as datas.

Essa foi a última vez que vimos o meu pai. Até o momento em que uma das minhas primas voltou e contou que haviam se encontrado com meu pai naquela estação de trens. Confirmaram: foram levados os dois... dois irmãos.

## **No gueto de Budapeste**

### *Nossa moradia*

O gueto em que estávamos não tinha nome. Era muito grande e incluía algumas ruas. Esse espaço foi fechado com muros. Lá perto ficava a praça onde a sirene havia tocado durante a seleção. Havia ali uma sinagoga muito grande, a maior da Hungria. Dentro do gueto não era comemorada nenhuma festa judaica, porque passávamos fome sem precisarmos jejuar, como se faz no *Yom Kipur*.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> O Distrito VII de Budapeste, localizado em Pest, é conhecido como o “Bairro Judeu”, por ter abrigado, durante a Segunda Guerra Mundial, o gueto judeu, na área compreendida pelas ruas Dohány, Károly, Király e Kertész. Nesse bairro, encontra-se a maior sinagoga de Europa e a segunda maior do mundo, apenas superada pela de Nova York. Construída no estilo orientalista entre 1855 e 1859, combina elementos neomouriscos e neobizantinos, projetada pelos arquitetos Lajos Förster e Frigyes Feszl. Foi construída no mesmo lugar da casa onde nasceu Teodor Hertz, com capacidade para três mil pessoas. Está situada no começo da Rua Dohány, referência para a comunidade judia porque aqui terminava ou começava o denominado gueto de Budapeste. O recinto da sinagoga abriga, além do templo religioso em si, a Praça dos Heróis, o Cemitério Judeu, o Monumento ao Holocausto e o Museu Judeu. Durante Segunda Guerra Mundial, a Grande Sinagoga de Budapeste sofreu graves danos e esteve mesmo em risco de ser derrubada pelas tropas nazistas, mas foi recuperada e permanece, imponente, lado a lado com jardins, numa das ruas mais movimentadas da cidade.

Lá dentro do gueto para onde nos levaram, aconteceu uma outra história. Naturalmente colocaram um monte de gente dentro de um único prédio. Se não me engano foi, mais ou menos, no final de 1943, pois os russos nos libertaram em 21 de janeiro de 1944. Nós fomos levados para um desses prédios com o tio David, irmão do meu pai, e a sua esposa, pois eles não tinham filhos. Esse meu tio ficou morando conosco nesse prédio, e o outro tio, seu irmão, já havia falecido. Depois o levaram também... e depois a mulher dele. O restante da minha família que morava no interior foi “levado antes” [leia-se deportado] que o pessoal da capital. Nesse momento, a gente se perdeu. Onde eles foram parar, nunca conseguimos descobrir. Nunca, nunca mais soubemos de nada! Pelo lado materno, eu tinha ainda a minha tia e um tio, ambos irmãos da minha mãe: chamavam-se Jorge e Irene.<sup>10</sup>



Frida Furst Reiner (mãe de Alice Farkas) e sua irmã Irene na entrada do metrô.  
Budapeste (Hungria), década de 1940.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Alice Farkas/SP; Arqshoah-Leer/USP.

---

<sup>10</sup> Algumas semanas após os líderes do movimento fascista Cruz de Flexas terem tomado o poder em golpe orquestrado pela Alemanha, no dia 15 de outubro de 1944, o regime estabeleceu oficialmente um gueto em Budapeste, no qual aproximadamente 63 mil judeus passaram a viver em uma área que media pouco mais de um quarto de quilômetro quadrado. Os quase 25 mil judeus que possuíam documentos que os colocavam sob a proteção de países neutros foram confinados em um "gueto internacional", em outro local. Em janeiro de 1945, as forças soviéticas localizaram e liberaram a parte de Budapeste onde estavam esses dois guetos, libertando cerca de 90 mil judeus que ali residiam.



### *As crianças no gueto*

Na realidade nós nem entendíamos bem sobre o que estava acontecendo, pois a não tínhamos noção das coisas. Éramos crianças, entre 7 e 10 anos. E, nessa faixa de idade, uma criança não consegue raciocinar direito. As coisas estavam rolando tão rápido que mal tínhamos tempo e nem como absorver. A gente não brincava mais fora do apartamento, porque estávamos em pleno inverno. Em cada apartamento, moravam de três a quatro famílias. Dependendo do tamanho do apartamento, enfiavam ali famílias com cinco, seis ou até mais pessoas. Cada apartamento abrigava, no mínimo, umas 15 a 20 pessoas, entre crianças e adultos. Nesse gueto foi pior...! Porque naquele primeiro prédio, como eu falei, uma certa hora dava para sair usando aquela estrela amarela costurada na roupa. Todos deviam usar a estrela amarela, até mesmo recém-nascidos.

Ninguém tinha cabeça para nada: era cada um por si. Salve-se quem puder! Eu estava lá, dentro desse gueto. A situação estava tão brava que mal recebíamos alimentação. Fui então trabalhar para os alemães que vieram escolher crianças ou adultos para trabalhar: carregar mortos, caçando corpos caídos nas ruas. No pátio dos prédios, amontoavam os mortos.

— Leva pra cá, leva pra lá! Vai buscar lenha! – mandavam os nazistas.

Tudo isso para ganhar um pãozinho. Eu fazia isso junto com a minha mãe, pois agora estávamos sozinhas, ela e eu.

### *Sem escolhas: comemos ou morremos...*

Não podíamos mais frequentar escola e ninguém tinha cabeça para nada: cada um por si! Na época – quando a gente estava no gueto – não celebrávamos nenhuma festa judaica, nem *Rosh Hashaná*, nem *Yom Kipur*, nem *Pessach*. Lá, mesmo que tivesse as datas festivas, passávamos fome sem ser *Yom Kipur*. Essa era a realidade, desde quando entramos no gueto: desde a véspera de *Yom Kipur* até 21 de janeiro de 1945.

A situação estava tão difícil que fui trabalhar para os alemães que escolhiam crianças ou adultos, pagando com um pãozinho. Em troca deveríamos carregar mortos e levá-los para a sinagoga. O pão ganho eu dividia com minha mãe. Quando a fome apertou muito, eu e uma amiga com a minha idade descobrimos um monte de conservas guardadas no porão do prédio. Foram feitas durante o verão e que ficaram ali,

esquecidas. Havia uma tranca e cada pessoa podia abrir para ali guardar suas geleias e conservas. Na Europa isso é uma coisa normal: cada apartamento tem uma vaga no sótão disponível para guardar o carvão para aquecer a casa, conservas etc.

Era costume fazer conservas no verão e depois guardá-las no porão do prédio ou no sótão. Cada um colocava o que quisesse naquele espaço e trancava. Eu e minha amiga descobrimos um desses sótãos que estava com a tranca meio aberta. Lá dentro achamos vidros enormes, cheios de geleia de morango. Lembro-me como se hoje eu tivesse lá. Sabem o que a gente fazia? Eu entrava, tirava as luvas, arregaçava as mangas, botava a mão dentro daquele vidro e levava para a minha amiga comer. Depois revezávamos... Um dia, achamos um saco de dez quilos de feijão. Estava podre, cheio de bichos, mas levamos para cima. As mulheres não sabiam como agradecer.

Dentro do gueto, abriram um mercado. Nessa época, a gente só usava banha, pois não existia óleo de cozinha como hoje, só banha. Nós levamos para casa banha podre. Olha, eu, mais ou menos, durante 15 anos ou mais, não consegui botar um grão de feijão na minha boca, tanto feijão podre eu comi. Só de olhar o feijão já passo mal. Mas foi isso que salvou a nossa vida: feijão podre e banha cheia de bichos, tudo, tudo podre. Comíamos o que achávamos, apesar de estar tudo podre. Ou comíamos ou morríamos, não tínhamos escolha.

### **A chegada dos russos**

Os russos entraram no gueto de Budapeste no dia 21 de janeiro de 1945, dia do aniversário de minha mãe.<sup>11</sup> A gente escutava coisas, mas de uma certa forma a gente nem acreditava, sabe? Nem acreditava que podia acontecer. Nós estávamos lá embaixo no porão, porque o bombardeio estava “bravo”. Ali havia uma abertura, mais ou menos a metade de uma porta, e, por aquele buraco, os russos estavam entrando. Lá havia um tipo de sofá onde estavam sentadas a minha mãe e a vizinha. Eu estava atrás, deitada com um travesseiro e um cobertor, porque era de madrugada quando eles chegaram...

---

<sup>11</sup> Em agosto de 1944, Horthy demitiu Sztójay e nomeou o general Géza Lakatos. Em setembro, as forças soviéticas cruzaram a fronteira, e, em 15 de agosto, Horthy anunciou a assinatura de um armistício com a União Soviética. O Exército ignorou as suas ordens, e os alemães o forçaram a denunciar o armistício, demitir Lakatos e indicar o chefe da Cruz de Flechas, Ferenc Szálasi, para o cargo de primeiro-ministro. Horthy abdicou e a Hungria tornou-se um campo de batalha. Os exércitos húngaros começaram a render-se. O Exército alemão, em retirada, passou a dismantelar os sistemas ferroviários, rodoviários e de comunicações do país. Os alemães resistiram ao Exército Vermelho em Budapeste por um total de sete semanas, até o colapso das defesas, quando a capital já estava praticamente arrasada. Em 4 de abril de 1944, as últimas forças alemãs foram expulsas da Hungria, que ficou sob controle da URSS. Com a chegada das tropas russas em janeiro de 1945, a maior parte da população judia de Budapeste sobreviveu, sorte que os judeus de outras partes do país infelizmente não tiveram.

Como eu escutei muito barulho, eu fiquei quieta. Lembro-me de que ainda puxei o cobertor sobre a cabeça e fiquei imóvel. Para não chamar atenção dos russos. Ninguém olhou pra trás, nem a minha mãe, nem ninguém, porque todo mundo sabia que eu estava lá.

Quando os russos entraram, eles nos deram água, chocolates e bolachas. Depois estupraram as meninas. Por um milagre eu escapei, pois estava deitada atrás daquele sofá. Eu escapei... com a minha idade escapei. Por um milagre que os russos não me pegaram, pois as minhas amigas, as meninas, foram pegadas. Eles as levaram num cantinho, fizeram tudo o que tinham que fazer e as soltaram. Não fizeram outra coisa...! Depois nos fizeram um pouco de carinho e ninguém poderia falar nada. As mães tiveram que botar “fechadura” na boca, tampar os olhos e os ouvidos para não ver, não escutar nada. Depois de uma hora ou uma hora e meia, as meninas conseguiram escapar.

Dois dias depois que os russos entraram no gueto, consegui convencer minha mãe de que podíamos sair do gueto. Ela estava com muito medo. Mas, assim que voltamos a morar sozinhas em um apartamento, minha mãe ficou doente. Tinha fraqueza em tudo! Aos 44 anos [ela nasceu em 1900] não levantava mais da cama. Eu era apenas uma criança com 12 anos que queria salvar a sua vida. Uma criança... com duas trancinhas, pois naquela época as meninas andavam com o uniforme da escola.

#### *Uma situação incomum*

Eu não tinha mais ninguém: não tinha pai, não tinha irmão, não tinha ninguém. Só ela e eu... Não tinha esperanças de que meu pai voltasse, mas ela ainda esperava por ele. E eu tinha que recomeçar a vida para salvar a vida de minha mãe. E o que eu fiz? Havia um quartel por perto e achei que seria por bem que eu fosse lá para achar algo para comer, mesmo que estivesse tudo destruído. Os oficiais russos me atenderam e decidiram levar um médico para cuidar de minha mãe. Trouxeram comida, remédios e outras coisas. E, por mais um tempo, esse médico oficial continuou a cuidar dela até que sumiu e nunca mais o vimos. A única coisa de que me recordo é que foi graças a ele que salvamos minha mãe. Esse quartel havia sido dominado pelos russos que mandaram todos saírem e ficaram abrigados ali no quartel. Tudo estava destruído, não tinha nada na cidade. Tudo tombado, tudo destruído.

— Aonde você vai? – perguntou a minha mãe.

— Ah, eu vou aqui perto, venho já!

Eu fui lá, nesse quartel. Assim que cheguei à porta do quartel, um russo começou a falar em russo. Eu não entendia o que ele falava e o que eu falava ele também não entendia. Assim a gente ficou “batendo papo legal”, um não entendia o que o outro falava! Nenhuma palavra. E nesse vaivém, vaivém, eu não entendia nada, não sabia de nada. Pouco tempo depois, eu olhei para portão que dava para a rua e vi um jipe com um militar de alto grau, com mais quatro oficiais. Um deles mandou o jipe parar. Eu estava falando, falando com aquele soldado lá na porta:

— O que você quer? – perguntou-me um dos oficiais.

— Aconteceu isso, isso, isso com a minha mãe...! – respondi.

— Você fala a verdade?

— Se quer acreditar, vai lá na minha casa, eu mostro, eu não tenho razão para mentir. Se não quer acreditar no que eu falo, vamos lá!

— Sobe!

Eu subi no jipe, indiquei onde estávamos morando e paramos na porta do prédio. Sabe aquele prédio de quatro lados? Cinco andares, cada andar mais ou menos com uns seis apartamentos. Esses oficiais russos entraram comigo no prédio, muito rápido, e um deles ficou de “butuca”. Uma situação incomum! Chegamos lá em cima, minha mãe estava lá... na cama. Final da história: esse oficial, além de “tradutor”, era médico. Na mesma hora, ele já examinou a minha mãe e deu ordens para o soldado que estava ao lado dele para voltar ao quartel e trazer tal remédio, tal comida, tal esse, tal aquele. Não demorou nem 20 minutos, o soldado voltou carregado... Passou a vir nos visitar dia sim e dia não, para tratar da minha mãe e trazer a comida.

Esse médico era muito bonito, aparentava ter uns 40 anos, mais ou menos. Depois eles sumiram, nunca mais os encontrei. Uma única coisa que eu sei é que graças a ele minha mãe foi salva. Ela faleceu aqui no Brasil em 1989, com 89 anos, vítima de um câncer de pele, após ter ficado entubada durante nove dias no Hospital Albert Einstein.

## A Revolução Húngara de 1956

### *Momentos de tensão*

Casei-me na Hungria, em Budapeste. Meu marido era primeiro-tenente, professor de tanquista, chamado Miklos Farkas. Eu havia começado a trabalhar, assim como minha mãe. Nós duas nos revezávamos: ela ficava em casa de manhã, e eu à tarde. Porque lá na Hungria a gente trabalhava dois ou três períodos, dependendo de onde. Eu trabalhava em dois períodos e ela também. De manhã eu levava o meu menino à creche, que era uma coisa maravilhosa. Aqui no Brasil, as mulheres nem imaginam que aquilo existia. Minha mãe entrava no serviço às 6 horas e saía às 14 horas quando pegava o menino na creche; eu trabalhava desde as 14 horas até as 22 horas, enquanto meu marido estava lá no quartel.

Foi quando a revolução estourou em 1956, assim em meia hora. Eu e minha mãe estávamos trabalhando e o meu filho, ainda neném, estava na creche. Nessa época, meu marido estava lá no hospital em tratamento para fazer cirurgia de tireoide. Ao meio-dia e meia peguei a condução e fui trabalhar. Assim que entrei no serviço, chegou um cara que todo dia passava lá, aquele freguês de todo dia. Era do tipo que gostava de contar histórias. Histórias de pescador, e ninguém acreditava no que ele falava. Aí ele falou para mim:

— Sabe o que está acontecendo na cidade?

— O que foi agora? – perguntei.

— Ah, no tal quartel entraram os russos que expulsaram todos do rádio, do telefone... Estão dominando tudo.

Ah, é só imaginação! Ninguém acreditou nele! Pouco depois, chegou um outro freguês que perguntou se não sabíamos o que estava acontecendo. Foi quando tudo começou. Dentro de meia hora estourou a revolução. Eu liguei para a minha mãe, minha mãe já estava sabendo. Nesse vaivém, ela pegou meu filho na creche e foram para a casa da minha sogra que ficava do outro lado da cidade.

### *Budapeste ocupada pelos russos*

Budapeste tem dois lados: um lado chamado Buda e o outro Pest. Nós morávamos no lado Pest; e minha sogra, no lado de Buda. Tínhamos que atravessar a ponte que ligava os dois lados. Quando eu saí do serviço às 22 horas, eu já sabia que

minha mãe não estava na minha casa. E agora, como fazer para atravessar a ponte? Fechamos a loja às 21h30. Eu peguei uma condução e ainda tive que andar a pé até chegar ao começo da ponte onde estavam os tanques dos húngaros apontados para o lado de lá. E, do outro lado, os tanques russos apontavam para cá.

E agora? Meu marido estava no hospital e a minha família estava do outro lado. E eu aqui! Foi quando um soldado húngaro acompanhou-me até a metade da ponte e depois voltou. O que eles falaram, como foi, como não foi, eu não sei. Lembro-me de que veio um russo que me levou para o outro lado. Mas, de onde eu estava nessa ponte até a casa da minha sogra, havia uma certa distância. E eu deveria ir a pé. E fui, e fui... Nessas alturas, já era quase duas horas da madrugada. Meu sogro e toda a família já estavam de prontidão. Naquela época, não tínhamos celular, não tínhamos telefone, não tínhamos comunicação. Olha, eu sei que, com muito custo, eu cheguei lá quase duas horas da manhã. Eu estava esgotada, mas estava lá... cheguei! De manhã, quando acordamos, falei para a minha mãe:

— Tenho que ir lá no hospital, preciso ver meu marido!

Andamos, andamos, cortamos caminho por dentro. Chegamos ao hospital e ele estava lá. Tudo bem! Minha mãe e eu voltamos para casa. Mas eu cismei e, no dia seguinte, queria ir outra vez visitá-lo. Fui sozinha. Chegando lá perguntei: “Cadê o meu marido?”. Silêncio...! Responderam que aquele hospital era apenas para soldados, só. Todos os demais, fossem militares ou pracinhas, quem fosse e que conseguia andar, haviam sido mandados para o quartel. Ele sumiu... A gente não soube mais nada dele, nem onde estava, se estava vivo ou se estava morto. Mas o que estava acontecendo? Imagina?

Tive que mostrar para minha mãe, para minha sogra, que eu era forte, pois eu tinha que dar o apoio para elas. Assim ficamos ali, do lado de lá da ponte. Uma madrugada, escutei o meu sogro conversando com alguém no portão. E aí a gente foi ver e ele disse:

— Tem alguém aqui no portão, um soldado! A gente vai ter que deixar entrar.

— Por mim...! – respondi.

Esse tal soldado era o meu marido Miklos Farkas. Ele estava numa situação, de um jeito que nem o próprio pai não reconheceu o filho. O que aconteceu? Eles entraram em combate com os russos e o tanque onde ele estava foi alvejado. Ele e o seu ajudante ficaram presos lá no aeroporto, no segundo andar. Isso aconteceu, mais ou menos, às 22



horas. Avisaram que, no dia seguinte, eles seriam nas montanhas. Bem, aí os rapazes perguntaram:

— Tenente, e agora? O que nós vamos fazer?

A janela tinha grade. Pensaram assim: “Se a gente consegue, é sorte: se eles nos pegarem, de qualquer maneira seremos fuzilados. Vamos arriscar!”. Não sei como, mas conseguiram tirar grade e pularam do segundo andar. Fugiram juntos. Num certo ponto, meu marido falou:

— Agora é cada um por si!

Foi quando meu marido chegou de madrugada lá no portão da casa do meu sogro, seu pai. E ele é do tipo que, de um dia para o outro, a barba cresce. Agora... imaginem um homem que tem a barba preta e que não fazia a barba havia quase 15 dias. Com aquela barba, sujo, com a roupa rasgada e quase desmaiando de fome!!!?

Meu sogro trouxe-o para dentro de casa. E agora? Cada vizinho deu uma coisa, porque todas as coisas dele, roupas, tudo, estavam lá no nosso apartamento. Um vizinho deu cueca, o outro sapato. Enfim, vestiram-no! A roupa que estava usando foi queimada.

### *Nossa fuga*

No dia seguinte, logo de manhã, fugimos. Primeiro fomos pegar as coisas do meu filho e perna pra quem tem! Corremos para a estação e pegamos um trem para o interior onde morava o meu tio. Chegamos lá, comemos de tudo um pouco, pegamos comida! Foi quando o meu tio disse:

— Deixem aqui o menino! Vão vocês... Depois a gente leva o menino para vocês!

— Não! Ou vai todo mundo ou não vai ninguém. Não vou deixar meu filho? De jeito nenhum! – eu disse.

Eu estava grávida, era inverno. Fomos para a estação, pegamos o trem e descemos em um pátio. Em seguida, pegamos carona com um caminhão que levava um trator. Nós entramos embaixo desse trator e conseguimos chegamos a um outro lugar. Descemos do caminhão: ali havia uma cidadezinha que ficava perto da fronteira de Áustria. Lá havia uma pessoa para quem tínhamos que dar dinheiro. Naturalmente, foi

combinado um horário para atravessarmos a fronteira. Mas, como estávamos fugindo, havia gente trabalhando nas fronteiras, caçando as pessoas.

Imaginem: uma mulher grávida, de quase três meses, fugindo. Atravessamos a fronteira com mais soldados, e, no meio da lama, perdi meus sapatos. Fiquei descalça! Quatro ou cinco graus abaixo de zero. Demos um remédio para meu filho dormir, para fechar a boca... Quando estávamos no meio da fronteira, ele acordou. Lembro-me de que eu estava procurando a luvinha dele, que perdeu. A mãozinha dele estava gelada! Eu, chorando, procurando a luva.

Até que enfim chegamos à Áustria onde ficamos durante sete meses. Depois, nasceu a minha filha, em Strasbourg. Lá também passamos por dificuldades, mas pelo menos a gente estava livre. Depois chegamos aqui no Brasil...

## O Brasil como refúgio

O nosso filho mais velho, quando saímos da Hungria, tinha 2 anos e eu estava grávida da minha filha. Por ocasião da nossa fuga, minha mãe sugeriu que, atravessando a fronteira, deveríamos vir para o Brasil onde já estava meu tio, seu irmão mais velho: Joseph Furst. Assim fizemos.

INSTITUTO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO  
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO  
(RECONSTITUÍDA)

Nome por extenso ALICE FARKAS  
Admitido em território nacional em caráter Permanente  
Nos termos do art. 9 do decreto-lei 7967 de 1945  
Lugar e data de nascimento Budapest 28/ 5 /1932  
Nacionalidade Hungara (Ref) Estado civil Casada  
Filiação (nome do Pai e de Mãe) Jane Reiner e Frida Furst  
Profissão Domestica  
Residência no país de origem Viena - AUSTRIA

FILHOS MENORES DE 18 ANOS	NOME	IDADE	SEXO
}	<u>Istvan</u>	<u>16-11-1954</u>	<u>M</u>
	<u>Anna Maria</u>	<u>1- 6-1957</u>	<u>F</u>

Salvo Conduto 127 expedido pelas autoridades de Embaixada do Brasil  
em Viena na data 29-12-1956  
visado sob n. 686/1956 Viena 29-12-1956

POSTO DE IMIGRAÇÃO  
Santos em 16 de setembro de 1957

ASSINATURA DO PORTADOR Alice Farkas  
Encarregado do Posto Albon Bastos da Rocha

NOTA — Esta ficha deve ser preenchida á maquina pela autoridade, sendo as duas vias em original.

Alice Farkas. Ficha consular de qualificação. 16.10.1957  
Acervo: Museu Nacional/ RJ; Arqshoah-Leer/USP.

No dia 17 de setembro de 1957, desembarcamos no porto de Santos onde o tio Joseph nos esperava: Joseph Furst, irmão mais velho da minha mãe. Ele e a esposa Irene foram nos buscar e nos levaram para a casa deles. Já haviam reservado um quarto num

hotel próximo ao local onde moravam. Mas nós tínhamos duas crianças pequenas, um com 2 anos e outra com quase três meses. Até aqui é normal, mas duas pessoas com mais idade não têm obrigação de aturar duas crianças pequenas. Toda essa história começou naquela mesma noite quando ali chegamos ali. O marido da minha prima perguntou a Miklos qual era a pretensão dele aqui no Brasil. Miklos logo explicou que pretendia arrumar um emprego para sustentar a família.

O marido da minha prima (de cujo nome não me recordo) era uma pessoa inteligente, estava muito bem de vida e falava oito idiomas. Ele logo nos ajudou a providenciar moradia, porque, naturalmente, uma família não podia morar num quartinho de hotel. Aliás, nem hotel era, e sim uma pensão. Enfim, tudo estava na mão dele que logo procurou ajudar Miklos a arrumar emprego. Tudo! A gente estava na mão dele.

### *As dificuldades*

Começou a situação: ele alugou uma casa lá na Rua Turiassu, no bairro de Perdizes, para acomodar duas famílias, a minha e a da minha amiga. Até aí a casa suportava mais pessoas, pois tinha tamanho. O salário mínimo era de R\$ 800,00 (no dinheiro de hoje); e o aluguel, R\$ 350,00, com água, luz e gás. Naquela época, meu marido precisava apanhar dois bondes para chegar até lá, e mais dois bondes para cá. Meu marido tinha que comer, fumar, sustentar duas crianças pequenas etc. Foi quando as coisas começaram a desandar. O salário de Miklos não dava para pagar o aluguel, lembrando que o nosso primo havia sido o fiador e alugado a casa. Mas, após a nossa mudança, esse mesmo primo arrumou um emprego para Miklos na Rua Catumbi, no Brás. Mas nós não entendíamos nada, se era perto, longe, barato ou caro...

Como fazer quando você chega a um lugar e não entende uma palavra? Veja isto: perto dessa casa onde morávamos, havia um açougue. Eu queria comprar 300 gramas de carne para fazer sopa para as crianças. Essa compra de carne demorou quase três horas. O açougueiro não me entendia, eu não entendia o açougueiro. Aí o açougueiro colocou a faca na minha mão e disse:

— Senhora, entra pra dentro da balcão e corta aqui, querida!

Nós ainda tínhamos um pouco do dinheiro que meu marido havia ganhado lá na Áustria onde trabalhou por um tempo. E agora? Começamos a trabalhar na feira, ajudados pelo meu querido tio Joseph que havia sido representante de várias firmas de

bolsas, muitos e muitos anos. A esposa do meu primo era irmã do dono das Lojas Marisa e tinha uma oficina lá no Largo São Francisco. Achamos que ia dar certo! Miklos tinha ainda um pouco de dinheiro que usamos para montar uma barraca na feira com as roupa que conseguimos em consignação. Ou seja: comprávamos fiado e vendíamos a prestação.

Meu querido tio Joseph procurou nos explicar como trabalhar nas feiras, pois já havia feito a feira de Limeira onde já levou roupas. Feira muito boa, maravilhosa! Dizia que a melhor coisa para você “fazer comércio” era vender a prazo na feira. Comecei pela feira do Bom Retiro frequentada tanto por madames como por empregadas.

As madames foram comprar na Rua Oscar Freire, Rua Augusta etc., e as empregadas domésticas compravam conosco, mercadoria boa, mercadoria das Lojas Marisa. Davam uma entradinha, pagavam em duas até três vezes. Nem tínhamos o endereço delas, apenas anotávamos: “Feira do Bom Retiro, Rua Bandeirantes, nº 2780”. Esse número não existe mais, mas a rua sim, é uma rua pequena. Assim, naturalmente fomos à falência. Perdemos tudo o que tínhamos e o que não tínhamos. Ninguém veio nos socorrer, ninguém. Conseguimos vencer, mesmo assim, e formar uma família aqui no Brasil.

### **Mensagem para as futuras gerações**

Precisamos saber viver o dia de hoje... Não podemos ser egoístas, nem muito materialistas, porque não adianta. Que adianta você encher a sua casa com dinheiro e viver numa cama? Temos que viver o dia de hoje, porque ninguém sabe (e não adianta querer imaginar) o que vai acontecer amanhã. O homem pode até ir morar na Lua, mas assim mesmo não sabemos o que pode acontecer daqui uma hora. Pega-se um avião, e depois de meia hora morreu todo mundo. Eu vivo assim, vivo para o dia de hoje. Por quê? Porque desejo uma vida mais ou menos equilibrada...!

Eu não posso dizer que senti antissemitismo no Brasil. Mas, infelizmente, eu senti uma outra coisa da nossa própria *Kehilá*, no Bom Retiro: rejeição. Por isso, eu nunca morei no Bom Retiro, mesmo porque eu não tinha dinheiro e nem ganhei milhões dos alemães. Sinto tristeza, sim: lembro-me bem do dia em que os nazistas tiraram a casa onde morávamos, onde eu cresci, nos colocaram em fila com uma mochilinha e nos levaram para aquele prédio marcado com uma estrela amarela. E ainda mais: tiraram a gente desse prédio e nos levaram para a praça até conseguirmos entrar no gueto. Só

tinha judeus...! Todo mundo na rua olhava aquela longa fila que andava no meio da rua durante o dia, em pleno inverno, cada um com uma trouxa!

### *Os dois lados do mundo*

Minha família foi muito grande: foi! Contando as pessoas de primeiro grau, entre recém-nascidos e uma pessoa cadeirante (a irmã gêmea da minha mãe), foram 68 pessoas exterminadas nas câmaras de gás. E... a maioria foi morta em Auschwitz. Meu pai também foi levado para um campo de concentração. Mas eu não culpo o meu país, a Hungria, que não tem culpa de nada! É um país lindo, maravilhoso onde tem prédios, cultura para o mundo todo, além de cinemas, montanhas, trigo, ouro, carvão etc. A Hungria é um país rico e quase menor que São Paulo, com cerca de 9.823.000 de habitantes. Mas é rico, com terra preta. O que aconteceu durante a guerra, o país não teve culpa; o único culpado foi Hitler. Ele que quis comer o mundo, essa é a realidade. E eu sou muito realista...! Porque todo mundo tem os dois lados e tem que saber “ver” esses dois lados.